

RESENHA

OS ITALIANOS

RENATA BRIÃO DE CASTRO*
PATRÍCIA WEIDUSCHADT**

BERTONHA, José Fábio. **Os italianos**. São Paulo: Contexto, 2016, 300 pg.

Este texto tem por objetivo resenhar o livro “Os Italianos” de João Fábio Bertonha. Uma indagação que perpassa todo o livro é: “Quem são os italianos?”. A partir desse questionamento, o autor discute questões relativas à formação da identidade italiana no decorrer do tempo.

O livro está organizado em sete capítulos, além da introdução e das considerações finais. Na introdução, o autor faz a seguinte observação: “a leitura que se apresenta aqui, portanto, é aquela particular que um historiador não italiano dá à rica história da península e do povo que ali vive. É provável que minha intervenção da vida e da história dos italianos seja questionada por algumas pessoas, bem como que a seleção dos tópicos fosse diferente se outro historiador tivesse redigido este livro. No entanto, se lembrarmos que a História é feita de visões e perspectivas diversas, isso não nos deve incomodar, muito ao contrário” (BERTONHA, 2016, p. 13).

O capítulo um, “Os italianos antes da Itália”, inicia-se com a noção de tempo e espaço entre os habitantes da Europa e outros países com dimensões maiores. O autor problematiza que a península recebeu vários povos e, por isso, houve uma variedade cultural e linguística. Questiona-se como isso teve impactos na Itália e no ser italiano. Para o autor, neste contexto, era problemático usar tais expressões. Foi, de acordo com Bertonha, no período da expansão do Império Romano que ser romano tornou-se sinônimo de ser italiano. Ao longo das discussões, questiona-se acerca de uma identidade italiana. Para o autor, neste período, é difícil conceber a identidade no sentido moderno do termo. A identidade romano-italiana da época não tinha a ver com a identidade nacional moderna que associa nação, território e uma origem comum. Abordam-se, também, a Itália no período medieval e na época moderna.

No capítulo dois, “Um povo em busca de sua identidade nacional”, o questionamento inicial refere-se às discussões acerca de nação, nacionalidade e estado-nação: Seria possível viver sem pertencer a uma nação ou a um país? Esse conceito emergiu nos séculos XVIII e XIX depois das grandes revoluções.¹ No próximo tópico, aborda a Península Itálica na era das revoluções. A seguir, discute o *risorgimento* (ressurgimento) italiano. Bertonha passa a escrever sobre três personagens importantes do processo de unificação italiana: Giuseppe Mazzini, Camilo Benso e Giuseppe Garibaldi. Após a unificação, foi necessária a construção efetiva do estado e da nacionalidade, pois os moradores da península não se sentiam italianos, apenas 2,5% da população falava o idioma. Neste contexto, cabe a famosa frase do piemontês Massimo d’Azeglio (1792 – 1866): “Fizemos a Itália; agora precisamos fazer os italianos”. Neste ponto, entende-se a identidade

de um povo como algo que não é determinado somente pelos aspectos geográficos ou biológicos. A identidade é constituída, também, e principalmente, pela sua cultura, hábitos e costumes em comum, como era o caso de cada uma das províncias que formavam o novo país. Essa perspectiva não essencialista da identidade é defendida por Woodward (2014). Para “fazer os italianos” foram fundamentais a língua, a cultura, a literatura, o exército, a escola primária, a história e a memória histórica. Outrossim, foram criadas associações com a mesma intenção, como, por exemplo, a *Associazione Nacionalista Italiana* (1910). Iniciativas de igual teor também surgiram no Brasil, como as comemorações e as festas nacionais italianas². Entretanto, as divisões regionais e culturais persistiam, conforme o autor, a partir de 1922, o fascismo teria de lidar com esta situação. Neste capítulo, é abordada a divisão entre o norte e o sul da Itália. Por fim, o autor discute a identidade italiana nos dias atuais.

Na sequência, a obra continua com o capítulo três, “Um povo de emigrantes”. Entre os anos de 1870 e 1970, aproximadamente, 26 milhões de pessoas deixaram a Itália e foram viver em outros países. Para Bertonha, a emigração não era desconhecida dos habitantes da península Itálica, era, ao mesmo tempo, uma estratégia de sobrevivência econômica e um modo de vida que se reproduziu por gerações. Entretanto, a emigração passou a ser significativa quantitativamente a partir dos anos de 1870. No século seguinte, nos anos de 1970, a emigração da Itália caiu a níveis mínimos. Neste período, mais italianos entraram do que saíram da Itália. Outro tópico abordado pelo autor é “o racismo anti-italiano”. Bertonha escreve que, nos dias atuais, é inconcebível essa ideia, mas não o era nos séculos XIX e XX. As elites ocidentais do período defendiam a ideia de

uma raça branca europeia superior às demais, mas as subdividiam. Nesta conjuntura, os italianos foram afetados por vários estereótipos. Este capítulo versa, também, sobre o número de italianos que voltaram para o *Bel Paese*.

O capítulo quatro “Dos pobres da Europa à *dolce vita*” aborda, sobretudo, a economia italiana após a sua unificação. Neste período, a Itália era um país pobre e subdesenvolvido que necessitava adaptar-se à Revolução Industrial. Neste momento, é descrita a modernização italiana nesse período de tempo. Um fator contribuinte à indústria italiana foi o envolvimento da Itália na Primeira Guerra Mundial e a fabricação do que era necessário à guerra. Na sequência, é abordado o período fascista na economia italiana e a Segunda Guerra Mundial. Os efeitos desta foram ainda maiores que os da Primeira; no ano de 1945, a Itália era um país destruído. Entretanto, após a Segunda Guerra, o país passou por um milagre econômico. O próximo item do capítulo detém-se em abordar a economia italiana na era da globalização. Para finalizar o capítulo, Bertanha aborda que a ideia de uma Itália pobre levou décadas para ser “apagada”. O autor ressalta que a riqueza financeira foi fundamental para alterar a imagem dos italianos de pessoas pobres, trabalhadoras e miseráveis em indivíduos ricos e sofisticados que gostam de apreciar a vida.

O quinto capítulo, “A última potência europeia”, trata de diversos tópicos da economia da Itália, elencando que esta, comparando com outros países da Europa, teve um desenvolvimento tardio. O autor inicia o capítulo afirmando que a unificação italiana modificou o cenário europeu. A partir disso, Bertanha segue dissertando sobre a posição da Itália na política internacional após a sua unificação. A posição do país na corrida colonial é

mencionada no livro. Ainda neste aspecto, salienta-se que a Itália participou do momento imperialista europeu. Outro tópico abordado neste capítulo refere-se aos emigrantes e à potencialidade dessas pessoas que viviam no exterior. A presença da Itália na Primeira Guerra Mundial é outro assunto deste capítulo. Assuntos como a política externa do fascismo, a Itália na Segunda Guerra Mundial, a Itália no sistema norte-americano e ocidental, assim como os italianos no mundo hoje são tratados neste capítulo. Por fim, no último item, é questionada a política externa italiana. Para o autor, os dirigentes do país perceberam, desde cedo, a fragilidade italiana para uma ação internacional efetiva, e, assim, procuravam alternativas para isso.

O capítulo seis, intitulado “Uma maneira própria de fazer política?”, inicia com o seguinte questionamento: Há uma “cultura política italiana?” Conforme o autor, para responder a essa questão, é necessário fazê-lo de forma comparativa com outros países. Inicialmente, escreve-se sobre os padrões europeus no século XIX, para depois entrar no caso italiano. Neste momento, passa-se a dissertar acerca de vários períodos históricos, a começar pela política italiana na era liberal. A Itália estava em um estágio intermediário quanto ao poder da nobreza e da monarquia se comparada com outros países da Europa. No final do século XIX, a política estava dividida em dois grupos principais: a *Destra* e a *Sinistra*. Para o autor, na Primeira Guerra Mundial, a Itália era um meio termo entre os países mais democráticos, como a França, e os mais autoritários, como a Alemanha. O próximo período histórico referenciado no texto refere-se aos italianos e ao fascismo. Para Bertonha, o fascismo italiano e a sua história refletem as particularidades do país. Outros aspectos da política italiana são abordados neste tópico. Ao final deste capítulo, questiona-se “uma cultura política

italiana?”. Para o autor, de certa forma, a política acompanhou os padrões ocidentais.

O capítulo sete chama-se “Cultura e estilo de vida próprios”. Nele são discutidos inúmeros itens a respeito da cultura italiana e seu desenvolvimento. Assim, pontua-se sobre as artes e os artistas desde o período do povoamento da península, o período romano, medieval. Há a ressalva de que até esse período seria errôneo classificar a arte ou a literatura, por exemplo, como “italiana”. Após a Idade Média é que isso vem a ocorrer. O Renascimento é o período dos grandes nomes: Leonardo da Vinci e Rafael Sanzio. Nos séculos seguintes, houve expoentes no que tange à arte, literatura, pintura, escultura. Já no século XX, com o fascismo, o principal ingrediente deste foi a capacidade de tentar unir a cultura erudita com a cultura popular. Entretanto, o regime não teve sucesso nesse quesito. Temas como o cinema, a moda e o design são abordados neste capítulo, ressaltando-se o quanto a Itália consolidou-se nestes setores. Outro elemento que confere identidade a um povo é a sua língua. O idioma italiano pode ser considerado uma língua jovem, na medida em que, apenas no século XIX, superou os dialetos da Península Itálica. A culinária é mais um item que não poderia ficar de fora desse arrazoado sobre a cultura italiana. Para o autor, algo que define a cozinha italiana são as massas e pizzas. Entretanto, é um erro pensar que os italianos sempre comeram pizza. A culinária, assim como outros elementos, tem uma periodicidade histórica. O sorvete (*gelato*) e o café são outros elementos importantes da gastronomia italiana. Grande parte da difusão da culinária italiana começou com os emigrados da Itália. A cultura, pois, sofreu alterações e adaptações. Neste sentido, é apropriada a reflexão de Hobsbawn e Ranger (2012) sobre

a invenção das tradições. Ainda neste capítulo, abordam-se as relações entre a família e as atribuições de seu papel. O turismo e o esporte são outros dois temas tratados no livro. Outro elemento presente na cultura italiana é o catolicismo. Este está presente na sociedade italiana. Entretanto, a influência da Igreja Católica de hoje é menor do que foi no passado. Como nos outros capítulos, este também encerra com a pergunta “Uma cultura italiana?” Conforme Bertonha, algumas manifestações da cultura italiana não têm mais o mesmo peso que antes, mas alguns elementos têm imensa relevância mundial. Não é à toa que a Itália é o país da arte e da cultura. Para o autor, há especificidades suficientes para reconhecer um italiano diante de outros povos.

Após esse arrazoado dos principais tópicos abordados no livro, é necessário ressaltar a sua importância para os que estudam a imigração italiana no Brasil. Torna-se interessante pensar sobre o processo de constituição identitária do grupo, assim como obrigatório compreender o país, a formação da Itália unificada. O livro mostra-se importante na medida em que o Brasil recebeu muitos imigrantes e há estudiosos consolidados nesta temática.

A obra poderá apoiar diferentes estudos em variadas áreas do conhecimento, pois apresenta aspectos da formação cultural étnica italiana. O texto apresenta elementos do cotidiano, da sociabilidade e da cultura e, também, aspectos econômicos e políticos da constituição da Itália hoje. Desta forma, mescla discussões da micro e macro história.

Neste livro, são possíveis várias interlocuções com as discussões acerca da identidade e da imagem atribuída aos italianos, reflexão que perpassa toda a obra. Os italianos, de pobres camponeses, passaram a ser

vistos como refinados e requintados, como bem sintetiza o título do capítulo quatro “Dos pobres da Europa à *dolce vita*”.

Referências

ANDERSON, B. **Comunidades Imaginadas**. 4ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

HOBBSAWM, E.; RANGER, T. **A invenção das tradições**. 2ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2012.

IOTTI, L. H. **O olhar do poder: a imigração italiana no Rio Grande do Sul, de 1875 a 1914, através dos relatórios consulares**. 2ª ed. Caxias do Sul: EDUCS, 2001.

WOODWARD, K. Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. da (org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2014. pp. 7-73.

Notas

*Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Mestre em Educação pela mesma instituição. Bacharel em Museologia (UFPEL). Membro do grupo de pesquisa, Centro de Estudos e Investigações em História da Educação (UFPEL). Bolsista CAPES. Número do ORCID: 0000-0002-5724-6621

**Professora efetiva do Departamento de Fundamentos de Educação da Faculdade de Educação e membro permanente do Programa de Pós-graduação em Educação da Linha de pesquisa Filosofia e História da Educação, da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Doutora em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos. Número do ORCID: 0000-0001-6804-7591

¹ Benedict Anderson (2008) discute a constituição dos Estados nacionais a partir do conceito de comunidades imaginadas.

² Para Iotti (2001, p. 53), “o sentimento de italianidade surgiu no Brasil e, também, foi incentivado pelo Estado italiano, preocupado em interligar emigração, comércio e manutenção da identidade cultural [...]”.